



ARTIGO

**O RIO ITAPEMIRIM
E SÃO TOMÉ: AS
MOVIMENTAÇÕES
SOCIAIS, POLÍTICAS E
ECONÔMICAS EXISTENTES
NO SUL DO ESPÍRITO
SANTO NO SÉCULO XVI**

Lucas da Silva Machado

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES). Membro do Laboratório de História Regional
do Espírito Santo e Conexões Atlânticas (LACES)
UFES. Membro do Instituto Histórico e Geográfico
de Itapemirim e Marataízes.*



Resumo

O presente artigo tem por objetivo estudar o rio Itapemirim e suas movimentações sociais, políticas e econômicas existentes no sul do Espírito Santo nos séculos XVI. Neste sentido, será apresentado quais os contextos que fizeram o Itapemirim pertencer à capitania de São Tomé e por que não permaneceu nessa jurisdição político-administrativa, assim como as conexões interpessoais que ocorreram ao longo do século XVI. Para isso, são abordados relatos de viajantes e párocos, que proporcionam um olhar diferenciado sobre o rio Itapemirim, registros oficiais do governo do Espírito Santo e uma cartografia ampla que aponta o crescimento do conhecimento acerca de Itapemirim.

Palavras-Chave: Itapemirim; São Tomé; sul do Espírito Santo; colonização.

Abstract

The present article aims to study the Itapemirim River and its social, political, and economic movements in the southern part of Espírito Santo in the 16th century. In this regard, it will present the contexts that led to the Itapemirim belonging to the Captaincy of São Tomé and why it did not remain under this political-administrative jurisdiction, as well as the interpersonal connections that occurred throughout the 16th century. To achieve this, accounts of travelers and parish priests are addressed, providing a unique perspective on the Itapemirim River, official records from the government of Espírito Santo, and extensive cartography that points to the growth of knowledge about Itapemirim.

Keywords: Itapemirim, São Tomé, southern Espírito Santo, Colonization.

Introdução

O presente artigo é um recorte da dissertação defendida em 2021 no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) sobre a movimentação social, política e econômica existente no sul do Espírito Santo entre os séculos XVI e XVIII.

Investigações científicas de distintos campos do conhecimento que envolvem a região sul do Espírito Santo tratam do rio Itapemirim, seja por batizar cidades, por sua relevância para a economia local, pelos estudos sobre as doenças, clima, solo, vegetação, entre outros. Suas torrentes se entrelaçam com diversos campos de estudos que abrangem o território sulino capixaba. Itapemirim, palavra derivada da língua tupi (Ita – pedra; pé – caminho; mirim – pequeno; ou: itapé – laje; mirim – pequeno)¹ ou do guarani (pequena pedra chata)², foi antecedido por outros nomes, tais como Tapemiry, Tapemiri, Pemirim e Santa Catarina³, este último graças a um imbróglio envolvendo as divisas das terras de Vasco Coutinho e Pero de Góis⁴, respectivamente, as capitanias do Espírito Santo e São Tomé.⁵

A escolha do nome Santa Catarina foi uma homenagem à esposa do rei Dom João III, de Portugal e não prevaleceu, predominando a toponímia tupi.⁶ Os limites das capitanias serão aprofundados no decorrer deste artigo, valendo-se antecipar que o rio Itapemirim não se perpetuou como marco natural de divisa da Capitania do Espírito Santo, sendo o rio Itabapoana a fronteira definitiva⁷. O caso citado, de

acordo com Levy Rocha, em seu livro *Crônicas de Itapemirim*, publicado em 1966, talvez seja a menção mais antiga ao nome de Itapemirim pelos portugueses, registrada na carta de confirmação dos limites das capitanias.

No presente artigo apresentarei o rio Itapemirim, sua posição no sul do atual estado do Espírito Santo. Serão apresentados quais os contextos que fizeram o Itapemirim pertencer a outra capitania; por que não se perpetuou nessa jurisdição político-administrativa e quais conexões interpessoais ocorreram ao longo do século XVI. Para isso, são abordados relatos de viajantes e párocos, que proporcionam um olhar do outro sobre o rio Itapemirim⁸, registros oficiais do governo do Espírito Santo e uma cartografia ampla que aponta o crescimento do conhecimento acerca de Itapemirim.

Um rio: o Itapemirim

O rio Itapemirim tem suas nascentes em dois braços de rios na Serra do Caparaó, um no município de Lajinha, em Minas Gerais, outro em Ibitirama, no Espírito Santo. Sua bacia se estende por todo o sul capixaba, abrangendo uma área de aproximadamente 5.920 km²⁹, tendo como afluentes rio Pardo, rio Braço Norte Direito, rio Braço Norte Esquerdo, rio Castelo, rio Muqui do Norte, alcançando o total de dezoito municípios, sendo eles Lajinha, Irupi, Iúna, Ibatiba, Ibitirama, Venda Nova do Imigrante, Conceição do Castelo, Muniz Freire, Castelo, Alegre, Vargem Alta, Jerônimo

1 ROCHA, Levy. *Crônicas de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Editora Livros S. A., 1966, p. 7.

2 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil*. Espírito Santo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, Coleção Brasiliana, v. 72. p. 50.

3 SAINT-HILAIRE, 1936, p. 7.

4 OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008. p. 24.

5 OLIVEIRA, 2008, p. 7.

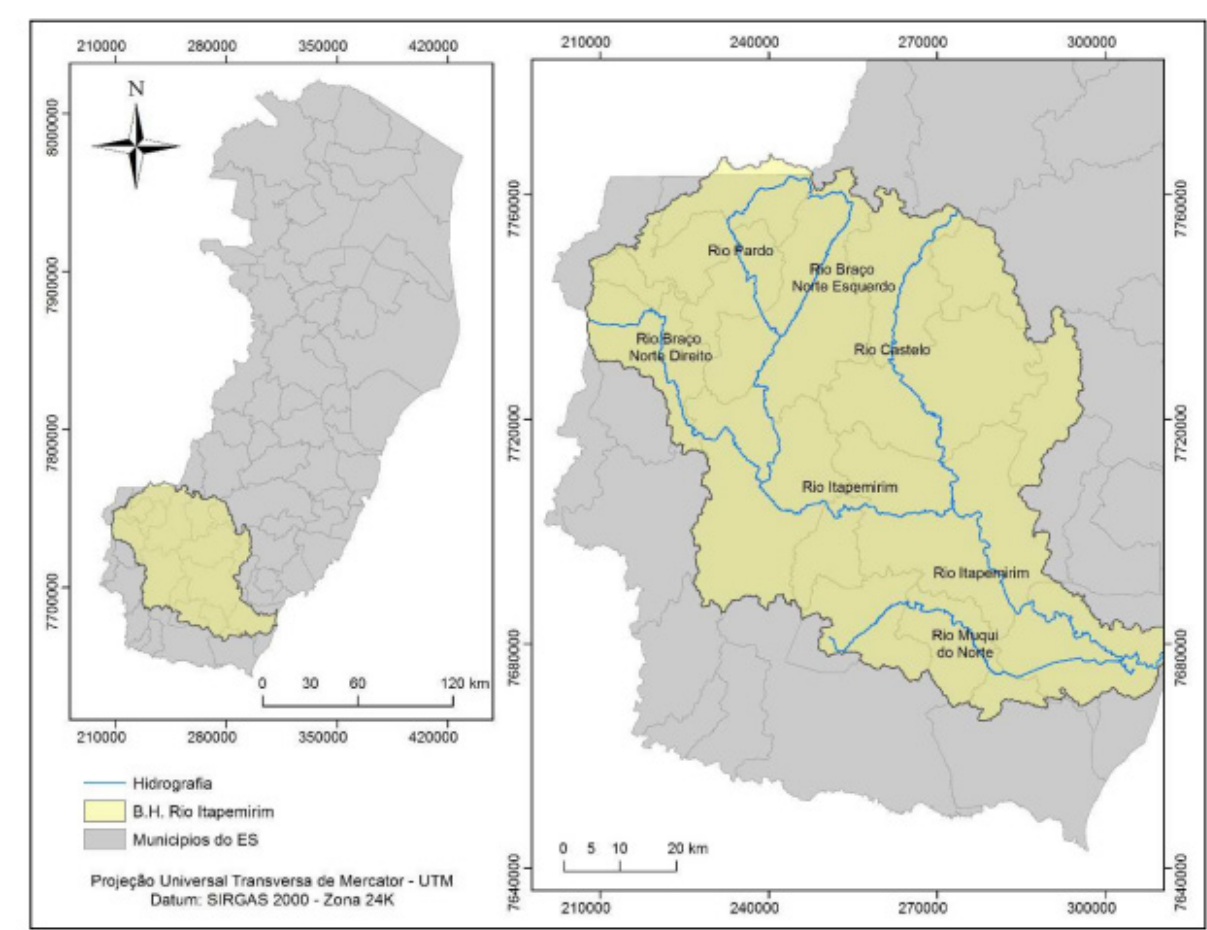
6 OLIVEIRA, 2008, p. 7.

7 DAEMON, Basílio Carvalho. *Província do Espírito Santo: Sua Desco-*

berta, História Cronológica, Sinopse e Estatística; Coordenação, Notas e Transição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ED.-. Vitória: Secretaria de Estado e Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010, p. 113.

8 BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d' o Brasil dos viajantes. *Revista USP*, São Paulo, 1996, n. 30, p. 8-19.

9 MENDES, Natália Gomes de Souza. Estudo das vazões na bacia hidrográfica do rio Itapemirim. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo. Jerônimo Monteiro–ES, 2016, p. 19.



MAPA 1: Localização da bacia do Itapemirim e seus afluentes. Fonte: Base de dados obtidos junto ao Sistema Integrado de Bases Geoespaciais do Estado do Espírito Santo (GEOBASES). Apud MENDES, Natália Gomes de Souza. Estudo das vazões na bacia hidrográfica do rio Itapemirim. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo. Jerônimo Monteiro - ES 2016. p. 20.

Monteiro, Muqui, Atílio Vivácqua, Presidente Kennedy, Cachoeiro de Itapemirim, Itapemirim, Marataízes, como pode ser observado no mapa acima.

O solo da bacia do Itapemirim era mais fértil, menos ondulado e possuía um clima úmido, com chuvas regulares, o que proporcionou a implantação de fazendas¹⁰. Sobre essas características, Nara Seleto afirma que:

As condições naturais são aí mais favoráveis que no resto da Província, sobretudo no que diz respeito ao solo, o massapê, consistente e resistente à erosão, ainda que pouco profundo. Esse tipo de solo também é encontrado em outras regiões [...] do Espírito Santo, porém o do sul sempre foi considerado o mais fértil por agricultores e técnicos. Quanto ao relevo, toda a região serrana da Província é muito acidentada, com encostas íngremes e cortes abruptos, que favorecem as enxurradas e interrompem as plantações. Sob esse aspecto, o sul, no seu conjunto, iguala-se às demais regiões; no entanto, as condições

10 QUINTÃO, Leandro do Carmo. *A Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo e a Interiorização da Capital*. Vitória: Secult, 2010, p. 92.



MAPA 2: mapa Brasiliaanze Scheepvaard door, de Johan Lerus Gedaa vit Urankryk in't laar, no ano de 1556. Fonte: Brasiliaanze Scheepvaard door, de Johan Lerus gedaan vit Urankryk, in't laar de 1556. Acervo da Biblioteca digital Luso-Brasileira.

mais suaves e propícias ao café são encontradas nos vales de seus rios [...]. O clima do sul é mais úmido e apresenta chuvas mais regulares que as observadas em algumas áreas do centro, sujeitas à seca.¹¹

A descrição mais antiga acerca do Rio Itapemirim que se tem conhecimento foi feita no mapa Brasiliaanze Scheepvaard door, de Johan Lerus Gedaa vit Urankryk in't laar, no ano de 1556, que traz o topônimo Tapemiry.

Nesse mesmo período, por volta de 1558¹², Jean de Lery, que publicou, no ano de 1578, seu livro “Viagem à Terra do Brasil”, descreve que passaram pelo lugar denominado Tapemiry, onde se encontraram

com pequenas ilhas na entrada da terra firme.¹³ Estas ilhas citadas por Lery seriam as ilhas de Itaputera e dos Ovos. Durante o século XVI era comum que os viajantes não desembarcassem nas terras da colônia portuguesa¹⁴, tendo em vista que o desembarque era de difícil acesso e o medo de ataques indígenas era grande, fazendo com que permanecessem a bordo de seus navios.¹⁵

Também há descrições do rio Itapemirim em mapas portugueses do século XVII.¹⁶ Este século viu o

11 SALETTO, Nara. *Transição para o trabalho livre e pequena propriedade no Espírito Santo (1888-1930)*. Vitória: Edufes, 1996, p. 35.

12 SOFFIATI, 2019, p. 70.

13 LERY, 1578 apud ROCHA, Levy. *Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo*. Brasília: EBRASA, 1966, p. 15-16.

14 SOFFIATI, Arthur. *O norte do Rio de Janeiro no século XVI: à luz da história mundial e da eco-história*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, p. 70.

15 SARAT, Magda. *Literatura de viagem: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros. Patrimônio e Memória*. São Paulo, 2011, v. 7, n. 2, p. 33-54, p. 34.

16 MACHADO, Laryssa da Silva. *Retratos da escravidão em Itapemirim - ES: uma análise das famílias escravas entre 1831-1888*. Dissertação (mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social das

número de mapas se expandir, pois a cartografia passou a ocupar uma função especial entre os súditos e o rei.¹⁷ Nesse sentido, o Diccionario Historico, Geographico e Estatístico da Província do Espírito Santo, escrito por Cezar Augusto Marques, publicado em 1878, traz à luz mapas que mostram o rio Itapemirim.

Mappa da Terra de Santa Cruz, a que vulgarmente chamam o Brasil, que acompanha a *Rasão do Estado do Brasil* escripto em 1612, indica este rio sob o nome de *Tapemery*.

O *Mappa de todo o Estado do Brasil*, organizado em Lisboa no anuo de 1627 por João Teixeira, Moço da Camara de Sua Magestade e seu Cosmographo indica o mesmo rio com o nome de *ltape- mery*;

O *Mappa do Brasil*, que acompanha a *Istoria delle guerre del regno del Brazile* por Giovani Giuseppe di Santa Teresa, publicada em 1698, dá-lhe o nome de *Tapemirini*.¹⁸

Estes registros denotam qual era o conhecimento acerca do Itapemirim, desde o início da colonização brasileira. *Várias outras descrições foram feitas sobre o rio*, desde sua foz, sua barra, seu curso, partes navegáveis, as cachoeiras ou cascatas, afluentes, nascentes, apontando que seu estuário era motivo de atenção das pessoas que o cruzavam e dependiam de suas águas, uma vez que:

com a franca expansão do espírito iluminista pela Europa do século XVIII retoma-se o processo de pe-

regrinação pelos domínios coloniais, agora, com vistas à construção de um conhecimento global e total, tendo a História Natural e a Biologia como elementos norteadores, afinal, a experiência é um elemento central no processo de racionalização iniciado no século XVII, e que possui a observação como um dos pilares da fundamentação do conhecimento.¹⁹

Sobre a foz do Itapemirim, Saint-Hilaire²⁰, em viagem ao Espírito Santo no ano de 1818, narra que sua “entrada é estreita e difícil, não tem verdadeiramente mais de oito a nove palmos de profundidade” e prossegue descrevendo o curso do rio Itapemirim, destacando o vasto campo que suas águas banham, além de suas curvas e cadeias de montanhas. O estudioso francês afirma também que “[o] riacho de Itapemirim está orlado de altas gramineas e de arbustos do verde mais bello e se insinua em uma região plana e alegre, entrecortada de bosques e pastagens”, sendo navegável por cerca de oito léguas, pois “dahi em deante, são detidas, a navegação, quér por quedas d’agua quer por cascatas”. Saint-Hilaire não visitou as montanhas do sul do Espírito Santo e nada registrou sobre as nascentes do Itapemirim.²¹

No ano de 1888 a Princesa Teresa da Baviera partiu do Rio de Janeiro em uma expedição pelo Espírito Santo. Sua primeira parada nesta província foi na vila de Itapemirim, local onde ficou por cerca de duas horas. Mesmo com a breve estadia, Teresa da Baviera descreve a embocadura do rio como de “difícil acesso” e, por meio de uma esquematização, proporciona ao artista R. Wiegandt reproduzir o seu estuário e parte da sua bacia (FIGURA 1).²²

19 NASCIMENTO, Bruno César. *Viagens à Capitania do Espírito Santo*: 200 anos das expedições científicas de Maximiliano de Wied-Neuwied e Auguste SaintHilaire.. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2018, p. 27.

20 ROCHA, 1966, p. 64-66.

21 SAINT-HILAIRE,1936, p. 50-55.

22 BAVIERA, Teresa. *Viagem ao Espírito Santo 1888*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.



FIGURA 1: Estuário do rio Itapemirim - Natureza esquematizada pela Princesa Teresa da Baviera em 1889 e reproduzida por R. Wiegandt. FONTE: BAVIERA, Teresa da. Viagem ao Espírito Santo 1888. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

Sobre o curso e entrada do rio, a princesa da Baviera descreve da seguinte forma:

A barra do Itapemirim é de difícil acesso e somente navios de baixo calado conseguem chegar ao rio, que se torna navegável a cerca de 70 km antes da embocadura. Chegamos em terra com uma lancha, atravessando uma forte ressaca e passando pelo meio de uma série de recifes que haviam adquirido forma arredondada pela ação do movimento das águas e eram ocupados por muitas gaivotas. Alguns veleiros e canoas vagavam sobre a superfície do rio estreito.²³

O Imperador do Brasil, Dom Pedro II, em sua visita à vila do Itapemirim em 1860, observa que “a barra é toda de arrebentação e muito melhoraria se tapasse a passagem entre um ilhote e o pontal do S”. Destaca-se a observação para a criação de um dique entre uma das ilhas próximas de sua barra e a terra firme, para facilitar a entrada de embarcações neste estuário.²⁴

23 BAVIERA, 2013, p. 42.

24 ROCHA, Levy. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. Vitória: Secretaria

“A obra que se pretende e deve fazer” — explicava o representante capixaba — “é encaminhar as águas daqueles canais para um só rumo, o que lhes dará maior fundo, e facilitará a navegação.” E concluía: “A despesa para tal obra é de pequena monta; consiste em um curto paredão tirado à terra firme, e a pedra para fatura dessa muralha pode ser extraída da mesma ilha”.²⁵

Marques (1878), em seu Dicionário, ressalta que “as canoas sobem o rio aproximadamente oito léguas até a região das cachoeiras”²⁶; prossegue descrevendo os afluentes do Itapemirim, os rios Muqui, Castelo e Pardo, e aponta algumas de suas características.

Muqui. — Rio no districto de Itapemirim. É afluente do rio Itapemirim, e com elle faz conllucncia 9 kilometros acima da embocadura deste, e corre em contravertentes do rio Itabapoana. Tem 60 palmos

de Educação; Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008, p. 232-233.

25 ROCHA, 2008, p. 233.

26 MARQUES, 2003, p. 165.

Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: 2019. p. 51.

17 Apud REIS, Fabio Paiva. As Representações Cartográficas da Capitania do Espírito Santo no Século XVII. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa da Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais. Braga, Portugal 2017, p. 65.

18 MARQUES, Cezar Augusto. *Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico da Província do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo, 2003, p. 165.

de largura e 2 só de fundo. Dificilmente dá passagem no verão, e assim mesmo só em canôas pequenas no inverno, até 40 leguas acima da sua embocadura. É importantíssimo pela lavoura existente em suas margens

Castello – Rio — Nasce entre os matos da margem N. da estrada de S. Pedro d’Alcantara, e pela margem esquerda recebe o ribeirão Viçosa.

Pardo—Rio nasce na serra geral, corre mansamente por espaço de tres legoas em leito sem escabrosidade sobre terreno elevado, depois acolhe o pequeno rio do seu nome e o Norte, precipita-se de uma altura calculada em mais de 500 braças formando assim um grande catadupa, cuja queda produz um estrondo, que é ouvido em distancia de meia legoa, donde mui naturalmente segue com mais violência o vai desagoar no Itapemirim.²⁷

As nascentes do Itapemirim, como mencionado, se localizam em dois pontos distintos, se entrelaçando em terras capixabas. Marques descreve suas nascentes em dois ramos, apontando que o conhecimento acerca do rio foi se ampliando no decorrer do XIX.

Rio - Nos tempos primitivos chamou-se Tapemirim

Nasce na serra do Pico, corre do occidente para o oriente, rega a villa do seu nome, perto da sua embocadura dá varias voltas e entra no mar tres léguas ao nordeste de Itabapuana na lat. de 21° 17’ e long. 43° 15’, merid. de Pariz.

Na barra tem duas pequenas ilhas.

Sobem por este rio as canôas até a villa, e esperam a enchente da maré para descerem. Sobem as canôas por espaço de oito léguas até o ponto onde começam as cachoeiras.

Dizem que um dos ramos, que o formam, tem sua origem nas Minas do Castello, que foram depois abandonadas por causa da invasão dos gentios.²⁸

No século XIX, a compreensão acerca do rio Itapemirim foi se expandindo ao longo dos anos. Se em 1818 Saint-Hilaire não conseguia mensurar a dimensão do Itapemirim, sessenta anos mais tarde, em 1878, sua extensão e localização eram conhecidas.

O itapemirim e a Capitania de São Tomé

Logo no início da colonização brasileira no século XVI, precisamente, após a divisão do território em capitanias hereditárias, em 1534, a bacia do rio Itapemirim ganha destaque na organização territorial, uma vez que os limites sul da Capitania do Espírito Santo, doada a Vasco Fernandes Coutinho, colidem com os limites norte da Capitania de São Tomé, de posse de Pero de Góis da Silveira. As terras doadas a Vasco Coutinho se estendiam por cinquenta léguas correndo em direção ao sul, a partir da mercê concedida a Pero do Campo Tourinho.²⁹ Entretanto, a carta de doação não apresenta nenhum topônimo como marco desses limites. De acordo com José Teixeira de Oliveira, não se sabe qual o processo ou por que convenção se estabeleceu o rio Mucuri como o limite setentrional da Capitania, já o limite sul foi objeto de um acordo.³⁰

As terras doadas a Góis, confirmado em 1536, têm seus limites se estendendo por treze léguas, a contar de Cabo Frio, em direção ao norte, até chegar ao misterioso Baixo dos Pargos³¹, nome resultante do fato de se pescar a espécie de peixe pargo³². O mapa



MAPA 3: Mapa Terra Brasilis, do Atlas Miller de 1519, onde se vê o Baixos dos Pargos.FONTE: Mapa Terra Brasilis, do Atlas Miller de 1519.

Terra Brasilis³³, do Atlas Miller de 1519, obra conjunta de Lopo Homem e Jorge e Pedro Reinel³⁴, registra os “bayxos dos pargos”. Vejamos acima:

Fabio Paiva Reis, em sua tese de doutoramento intitulada *As Representações Cartográficas da Capitania do Espírito Santo no Século XVII*, ao abordar os primeiros registros cartográficos da capitania capixaba, aponta o Baixos dos Pargos em dois mapas – o supracitado Terra Brasilis, de 1519, e um produzido quinze anos mais tarde, em 1534, por Gaspar Viegas, que apresenta os “bayxos dos parguetes”.

A utilização de mapas nos auxilia a compreender melhor como era a visão dos europeus a respeito de sua recente terra conquistada, uma vez que a cartografia se tornou os olhos dos governantes e das cortes nos domínios distantes.³⁵ Entretanto, os mapas em que constam o território das capitanias do Espírito Santo e São Tomé não apresentam muitos topônimos; o que se encontra nesses registros é um vasto espaço entre o rio de Santa Lúcia (que historiadores reconheceram como o rio das Caravelas, na atual Bahia) e a serra de São Tomé (atual Cabo Frio, no Rio de Janeiro).³⁶ Fabio Reis explica:

Motivo era muito simples: a própria cartografia do Espírito Santo e os primeiros mapas do Brasil apon-

27 MARQUES, 2003, p. 25,183,194.

28 SAINT-HILAIRE,1936, p. 50.

29 OLIVEIRA, 2008, p. 23.

30 OLIVEIRA, 2008, p. 24.

31 SOFFIATI, 2019, p. 70.

32 CINTRA, Jorge Pimentel. Os limites das capitanias hereditárias do sul e o conceito de território. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N.

Sér. v.25. n.2. p. 203-223. Mai.-Ago. 2017.

33 Disponível em: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL. A Cartografia Histórica do século XVI ao XVIII. Rio de Janeiro. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/terra-brasilis/>. Acesso em 06 de abril de 2021.

34 REIS, 2017, p. 35.

35 REIS, 2017, p. 65.

36 REIS, 2017, p. 34.



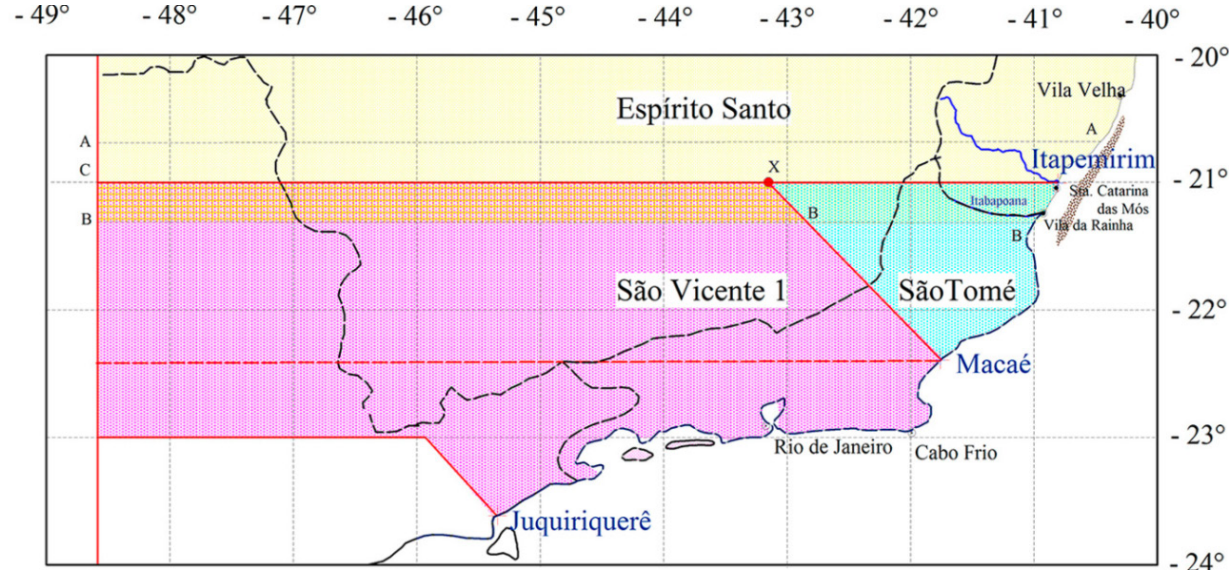
MAPA 4: Detalhe d'O Brasil no mapa de Gaspar Viegas onde apresenta o Baixos dos Parguetes de 1534. FONTE: *Brasil no mapa de Gaspar Viegas de 1534*, Apud: REIS, Fabio Paiva. As Representações Cartográficas da Capitania do Espírito Santo no Século XVII. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa da Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais. Braga, Portugal 2017.

tam uma grande área de abrolhos logo ao sul do rio das Caravelas. No meio desses bancos de areia, um conjunto de ilhas, no qual a maior recebeu o nome de Santa Bárbara, impedia a passagem dos navios, que precisavam se afastar a leste para fazer o desvio. A lenta reaproximação para o litoral teria feito com que os primeiros portugueses ali tivessem “perdido” a região ao norte do Cabo Frio.³⁷

A falta de conhecimento acerca da costa das terras doadas tanto para Vasco Fernandes Coutinho como para Pero de Góis da Silveira, provavelmente, foi o motivo da escolha do Baixos dos Pargos como marco divisor dessas capitanias, uma vez que sua localização era de difícil precisão.³⁸ Diante disso, os donatários se viram em um imbróglio, que foi resolvido em 14 de março de 1539, quando estabeleceram os li-

37 REIS, 2017, p. 34.

38 SOFFIATI, 2019, p. 88.



MAPA 5: As linhas divisórias de São Tomé e do Espírito Santo. FONTE: CINTRA, Jorge Pimentel. Os limites das capitanias hereditárias do sul e o conceito de território. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.25. n.2. p. 203-223. Mai.-Ago. 2017. p. 208.

mites de seus domínios em local de reconhecimento mais fácil.³⁹ Nesse sentido, foi escolhido o rio Itapemirim, que passou a se chamar Santa Catarina. Esse acordo foi visto com bons olhos por ambas as partes, principalmente, por Coutinho, que não se sentia enganado (não considerava estar perdendo terras), mas contente em resolver a questão com seu vizinho ao sul⁴⁰, que alguns anos antes o tinha ajudado com escravos e boas obras, a quem era muito grato.⁴¹ O acordo firmado foi sancionado em 1543 por D. João III, rei de Portugal, onde se lê:

(...) e óra o dito Pedro Góes me apresentou um assignado do dito Vasco Fernandes de que o theor tal é:
- Digo eu Vasco Fernandes Coutinho que é verdade que nós somos demarcados Pedro Góes e eu por o rio Santa Catharina [Itapemirim] que está em vinte e um grãos.⁴²

39 SOFFIATI, 2019, p. 69.

40 REIS, 2017, p. 113.

41 OLIVEIRA, 2008, p. 49.

42 Carta do rei D. João III, confirmando e aprovando a demarcação de Vasco Coutinho e Pero de Góis, datada de 12 de março de 1543. In Rubim, B. D. C. (1861). *Memórias históricas e documentadas da província do Es-*

De acordo com o documento assinado por D. João III, o rio estaria a 21 graus e a divisão das capitanias ficaria de acordo com o mapa a seguir.

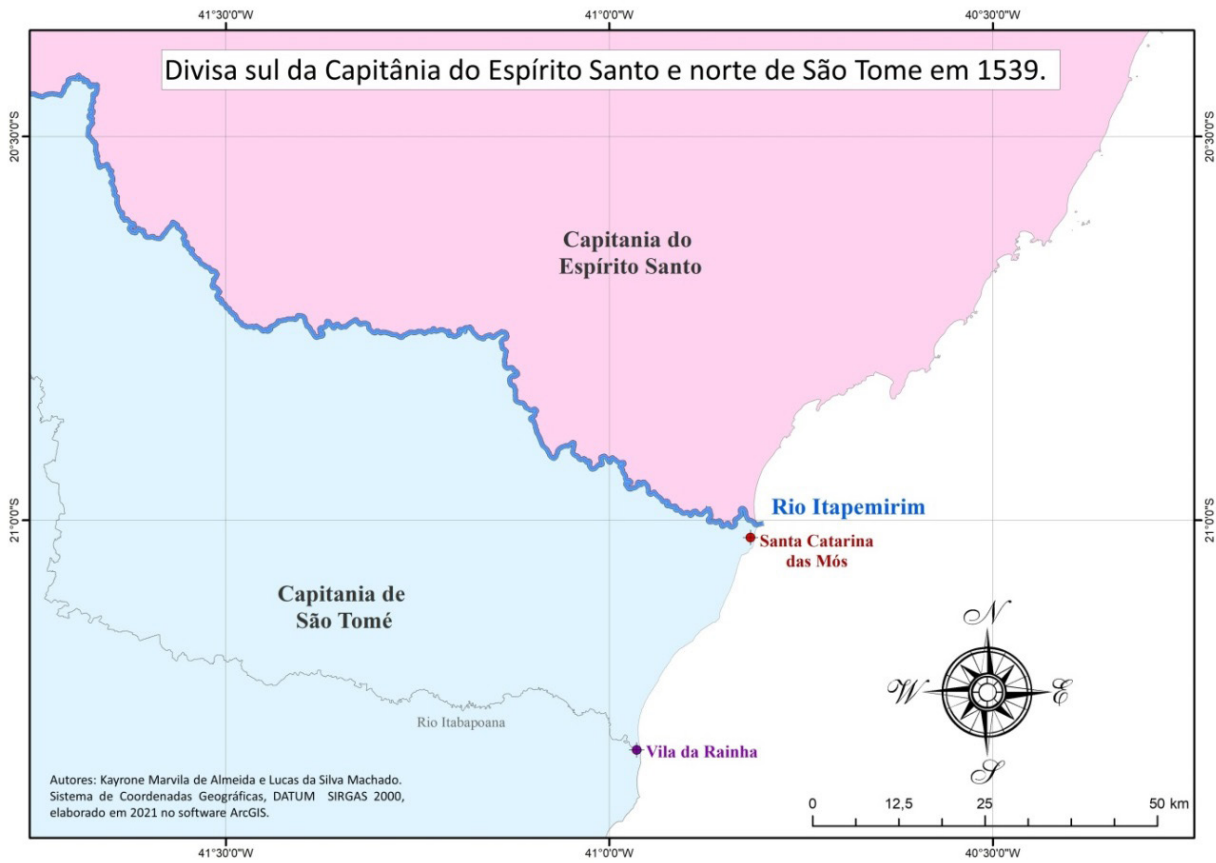
Entretanto, no período em que ocorre a divisão das capitanias, precisar com exatidão esta linha divisória era uma tarefa impossível e nem era de fato o desejo dos donatários, uma vez que o território que buscavam colonizar era a costa e suas proximidades, ficando o problema dos limites no interior relegado a um segundo momento.⁴³ Nesse sentido, Pero de Góis ficaria com a banda do sul e o dito Vasco Fernandes com a banda do rio Itapemirim para a parte do norte.⁴⁴ Por essas informações, as fronteiras das capitanias seguiriam o rio Itapemirim, portanto, uma divisa tortuosa, correndo de sudeste a noroeste, abandonando o retilíneo e imaginário paralelo de divisa,⁴⁵ de acordo com o que sugere a representação na página a seguir.

pírito Santo. Rio de Janeiro: Typographia de D. Luiz dos Santos. p. 36-37. Apud: REIS, 2017, p. 112.

43 CINTRA, 2017, p. 208.

44 LAMEGO, p. 46, apud: CINTRA, 2017, p. 207.

45 CINTRA, 2017, p. 208.



MAPA 6: Definição da fronteira sul da Capitania do Espírito Santo e da fronteira norte da Capitania de São Tomé, com base no acordo feito entre os donatários Vasco Fernandes Coutinho e Pero de Góis da Silveira.

A margem direita do Rio Itapemirim nos primórdios da colonização brasileira não pertencia ao Espírito Santo, fato que é pouco problematizado, mesmo por conta da ausência de fontes, mas que nos revela que as movimentações sociais deram ânimos em diferentes aspectos para esse local, como sua presença em outra área política administrativa que não fosse a espírito-santense, além de receber um novo nome, Santa Catarina, em homenagem à esposa de D. João III.

Após delimitar sua fronteira ao norte, Pero de Góis da Silveira inicia a colonização de suas terras onde, no ano de 1539, ergue, às margens do rio Managé, atual Itabapoana, um povoado batizado de vila da Rainha, em homenagem a dona Catarina, rainha

de Portugal. Góis instalou um engenho na costa, outro, na última queda d'água do rio próxima à Pedra do Garrafão.⁴⁶ A vila da Rainha sofreu com constantes ataques indígenas, sendo o último incitado por piratas, liderado por Henrique Luiz, ou *Anrique Luiz*, que navegava vindo da direção da Capitania do Espírito Santo, capturando-se o líder do grupo de “gentios” que habitava a região para entregar a seus rivais, ocasionando uma forte rebelião em que os engenhos e povoações foram assaltados, os canaviais, incendiados, e tudo destruído.⁴⁷

46 SOFFIATI, 2019, p. 69.

47 VARNHAGEN, Francisco Adolfos. *História Geral do Brasil antes da sua eparação e Independência de Portugal*. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1887.

Pero de Goes ainda juntou os seus, e offereceu resistencia; mas teve de ceder com a perda de vinte e cinco mortos, e com o ficar elle ferido e com um olho de menos. Quiz fazer pazes; mas, os Indios lh'as quebraram com mil traições. E como diariamente perdia alguns homens, e padecia mais fome, e ninguem o socorria, foi constrangido a deixar a terra, - que de todo ficou despovoada de colonos.⁴⁸

Após esse episódio, que culminou com uma flechada em seu olho, Pero de Góis abandonou a Capitania, fugindo junto com alguns colonos para o Espírito Santo. As terras de São Tomé, bem como as margens do rio Itapemirim, passaram a ser habitadas por fugitivos da justiça, como criminosos e escravizados, que conseguiam se associar e obter proteção dos grupos indígenas que dominavam a região.⁴⁹

Na virada do século XVI para o XVII, Gil de Góis da Silveira, herdeiro da Capitania de São Tomé, filho de Pero de Góis da Silveira, em um período em que São Tomé já era chamada de Paraíba do Sul⁵⁰, associado a João Gomes Leitão, buscou reiniciar os empreendimentos de colonização do território. Para tanto, formou um povoamento à margem direita do rio Itapemirim, na altura do Baixo dos Pargos,⁵¹ ao qual, em homenagem à esposa de D. João III, batizou de Santa Catarina das Mós, significando esta última palavra, moendas de engenhos.⁵² O novo donatário introduziu lavouras, onde utilizou o trabalho indígena.⁵³ Entretanto, o empreendimento de Gil também não durou muito tempo, “sendo este, vítima de uma

48 VARNHAGEN, 1877, p. 13.

49 FEYDIT, Júlio. *Subsídios para a história dos Campos dos Goytacazes*. Rio de Janeiro: Gráfica Luartson, 2004, p. 30.

50 PESSANHA, Yvan Senra. *Campista. Nem fiado nem à vista: A saga dessa gente que não se vende*. Niterói: Imprensa Oficial. Campos dos Goytacazes, 1999, p. 30.

51 LAMEGO, Alberto. *Terra Goitacá, à luz de documentos inéditos*. Niterói: Diário Oficial, 1942, p. 33.

52 CINTRA, 2017, p. 208.

53 LAMEGO FILHO, Alberto. *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro. Biblioteca Geográfica Brasileira. Série A “Livros”, IBGE, 1945. p. 79.

nova rebelião indígena”⁵⁴, que o fez abandonar o local por não conseguir conter o levante.

Gil de Góes, não tendo recursos nem podendo assistir no Brasil, resolveu renunciar a sua capitania em favor da Corôa, e juntamente com sua mulher, passou sua procuração a Antônio Diniz, residente em Lisboa, em 9 de outubro de 1618, para assegurar a respectiva escriptura que foi feita em 22 de março de 1619, recebendo Gil de Góes, em pagamento a mercê de 200\$000 rs de tença em vida, com a faculdade de poder testar, por sua morte, 100\$000rs a sua mulher.⁵⁵

Após o abandono da Capitania, já denominada Paraíba do Sul pela família Góis, e com o falecimento de seu último donatário, em 1630, essas terras foram divididas, o lado norte do rio Paraíba do Sul passou a pertencer à Capitania do Espírito Santo, e a parte sul, à do Rio de Janeiro.

Em 1630, pouco mais ou menos, tendo sido a Capitania de S. Tomé incorporada na Coroa, por deixação que dela fez Gil de Góis da Silveira – a esse tempo residente em Madri, onde faleceu – mediante a tença de cem mil réis, concedida a sua mulher d. Francisca de Aguilar Manrique, veio Ordem para que todo este imenso trato de terreno fosse dividido em dois termos. As terras do norte da barra do Rio Paraíba passaram a pertencer ao termo da Vitória, Capitania do Espírito Santo; passando as do sul da mesma barra a fazer parte do termo de Assunção de Cabo Frio, com sujeição ao governo do Rio de Janeiro.⁵⁶

54 (Afável com os índios, consegue domesticar alguns. Entre esses, acolhe uma menina, filha de um cacique, batizando-a com o nome de Catarina. E repete-se o inevitável de quase todo o senhor de engenho ante a graça estranha da mulher diferente. Vela, porém, a esposa castelhana Dona FRANCISCA DE AGUIAR MANRIQUE. Durante uma viagem de GIL DE GÓIS, O tronco e O chicote vingam os ciúmes da espanhola arrebatada. A índia foge para as cabildas. Ante seu corpo ensanguentado, os índios se exasperam contra a selvajaria do branco. E por um levante em massa a colhia é inteiramente destruída) (LAMEGO FILHO, 1945, p. 79).

55 LAMEGO, 1942, p. 33-34.

56 CARVALHO, Augusto de. *Apontamentos para a história da capitania de São Tomé*. Campos dos Goitacazes, 1888.

Assim, a bacia do Rio Itapemirim, 91 anos após o acordo firmado entre Vasco Fernandes Coutinho e Pero de Góes da Silveira, passa a integrar os limites políticos e administrativos do Espírito Santo.

Considerações finais

O presente artigo buscou apresentar o rio Itapemirim, sua posição no sul do atual estado do Espírito Santo, os contextos que fizeram o Itapemirim pertencer a outra capitania e o por que não se consolidou nessa jurisdição político-administrativa, além das conexões interpessoais que ocorreram ao longo do século XVI e XVII. Para isso, foi utilizado relatos de viajantes e párocos, que proporcionam um olhar do outro sobre o rio Itapemirim⁵⁷, registros oficiais do governo do Espírito Santo e uma cartografia ampla que aponta o crescimento do conhecimento acerca de Itapemirim.

57 BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d' o Brasil dos viajantes. Revista USP, São Paulo, 1996, n. 30, p. 8-19.

Bibliografia

BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d' o Brasil dos viajantes. Revista USP, São Paulo, 1996, n. 30.

BAVIERA, Teresa. Viagem ao Espírito Santo 1888. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

Brasiliaanze Scheepvaard door, de Johan Lerijs gedaan vit Urankryk, in't laar de 1556. Acervo da Biblioteca digital Luso-Brasileira.

CARVALHO, Augusto de. Apontamentos para a história da capitania de São Tomé. Campos dos Goitacazes, 1888.

CINTRA, Jorge Pimentel. Os limites das capitanias hereditárias do sul e o conceito de território. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.25. n.2. p. 203-223. Mai.-Ago. 2017.

DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: Sua Descoberta, História Cronológica, Sinopse e Estatística; Coordenação, Notas e Transição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ED.-. Vitória: Secretaria de Estado e Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

FEYDIT, Júlio. Subsídios para a história dos Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro: Gráfica Luartson, 2004.

LAMEGO, Alberto. Terra Goitacá, à luz de documentos inéditos. Niterói: Diário Oficial, 1942.

LAMEGO FILHO, Alberto. O Homem e o Brejo. Rio de Janeiro. Biblioteca Geográfica Brasileira. Série A "Livros", IBGE, 1945.

MACHADO, Laryssa da Silva. Retratos da escravidão em Itapemirim - ES: uma análise das famílias escravas entre 1831-1888. Dissertação (mestrado em História). Programa de Pós-Graduação

em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: 2019.

MARQUES, Cezar Augusto. Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico da Província do Espírito Santo. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo, 2003.

Mapa Terra Brasilis, do Atlas Miller de 1519. Disponível em: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL. A Cartografia Histórica do século XVI ao XVIII. Rio de Janeiro. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/terra-brasilis/. Acesso em 06 de abril de 2021.

MENDES, Natália Gomes de Souza. Estudo das vazões na bacia hidrográfica do rio Itapemirim. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo. Jerônimo Monteiro—ES, 2016.

NASCIMENTO, Bruno César. Viagens à Capitania do Espírito Santo: 200 anos das expedições científicas de Maximiliano de Wied-Neuwied e Auguste SaintHilaire.. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2018

OLIVEIRA, José Teixeira de. História do Estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008.

PESSANHA, Yvan Senra. Campista. Nem fiado nem à vista: A saga dessa gente que não se vende. Niterói: Imprensa Oficial. Campos dos Goytacazes, 1999.

QUINTÃO, Leandro do Carmo. A Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo e a Interiorização da Capital. Vitória: Secult, 2010

REIS, Fabio Paiva. As Representações Cartográficas da Capitania

do Espírito Santo no Século XVII. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa da Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais. Braga, Portugal 2017.

ROCHA, Levy. Crônicas de Cachoeiro. Rio de Janeiro: Editora Livros S. A., 1966.

ROCHA, Levy. Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. Vitória: Secretaria de Educação; Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

SALETO, Nara. Transição para o trabalho livre e pequena propriedade no Espírito Santo (1888-1930). Vitória: Edufes, 1996

SAINT-HILAIRE, Auguste. Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, Coleção Brasileira, v. 72.

SARAT, Magda. Literatura de viagem: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros. Patrimônio e Memória. São Paulo, 2011, v. 7, n. 2, p. 33–54.

SOFFIATI, Arthur. O norte do Rio de Janeiro no século XVI: à luz da história mundial e da eco-história. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. História Geral do Brasil antes da sua eparação e Independência de Portugal. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1887.

